

Das Amazônias

REVISTA DISCENTE DE HISTÓRIA DA UFAC

ISSN Eletrônico: 2674-5968

Arte: Mabiku Bane | "Yube Inu Yube Sbanu – mito de surgimento da ayahuasca", 2021.



FOI MUTALAMBÔ QUEM ME TROUXE ATÉ AQUI¹

Luciney Araújo Leitão²

Os primeiros registros sobre o Candomblé de Nação Angola na cidade de Manaus, datam da de 1970, e tem como marco fundador o Sacerdote José Wilson Falcão Real, Tatá Mutalambô. Foi por suas mãos, em 1978, que foi apresentada o primeiro barco de Yaô da Nação Angola e tem na pequena Dilva Veiga, a semente matriarcal de Mameto Keuamaze, conhecida como Mãe Dora a preservação de uma tradição que cultua os Inkisses em terras Barés.

O Candomblé de Angola no Amazonas, não é o pioneiro quando se fala de religiões Afros em terras amazonenses, de acordo com estudos de Mario Ypiranga Monteiro, Chester Gabriel e Nunes Pereira, até a década de 1960, os ritos realizados em Manaus eram de variantes como o Candomblé de Ketu, na figura de Pai Ribamar, e o culto aos Encantados da Turquia nas rodas de Tambor de Mina, tendo Mãe Zulmira como uma das Matriarcas mais conhecidas do Amazonas, além dos tracionais cultos de umbanda, pajelanças e da Jurema Sagrada.

Mãe Dora foi uma das Mametos de Inkisses mais conhecida e respeitada na cidade de Manaus, através de seu Axé, muitos angoleiros, se iniciaram na religião em seu Ábassa D'Angola, bem como representava a toda a sabedoria matriarcal, sendo herdeira de todo axé deixada por Tatá Mutalambô.

A entrevista que segue, foi realizada em seu Ábassa, no ano de 2006, durante pesquisa de campo para a construção de minha monografia pelo departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas, sendo um dos poucos registros em vida de Mãe Dora, portanto, material inédito e que

¹ Entrevista concedida por Danda Keuameze, Sacerdotisa do Ábassa D'Angola de Danda Keuamaze, matriarca da Nação Angola em Manaus.

² Professor de Sociologia EBTT do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre.

E-mail: luciney.leitao@ufacbr

representa a preservação da memória de uma das mais importantes Mameto de Inkisse do Amazonas, e que hoje tem seu legado preservado por seus filhos e filhas de Inkisse,

Entrevistador: Peço sua benção, e gostaria de ouvir um pouco da Senhora, quem é Dona Dilza Veiga e como foi sua chegada a Manaus?

Entrevistada: Mukui NiZambe, meu nome é Dilza Veiga do Nascimento, nasci em 29 de dezembro na cidade Salvador na Bahia, eu sou Bahiana, mas minha vida foi entre São Paulo e Manaus, né. Aqui em Manaus que toda minha vida está plantada. Mas deixa eu contar um pouco. Eu fui com 8 anos para São Paulo estudar, minha família na Bahia tinha muito dinheiro, tinham fazenda de cacau o meu avô com minha avó. Nisso, minha mãe me mandou para São Paulo com uma família, e essa família era uma família italiana, aí meu amor, é que eu fui saber o que era sofrer, porque eu era uma dondoca em Salvador e essa família, tinha me levado para estudar, mas você pode ver que eu estou estudando agora³, e eles ficavam com meu dinheiro, minha família mandava, mas eu nunca vi esse dinheiro, e eu trabalhando, dormindo no chão, apanhando, sofrendo, ouvindo horrores e barbaridades e como eu era pequena não tinha para onde eu correr.

Entrevistador: A senhora recebia uma mesada?

Entrevistada: Eu recebia meu filho, recebia Cr\$ 500,00 mensais, mas como naquela época não havia banco, seu dinheiro chegava via correios, mas que ela nunca viu esse dinheiro

Entrevistador: A senhora ficou com essa família a quanto tempo?

Entrevistada: Eu fiquei 10 anos meu filho, foram 10 anos em que eu pensava em fugir. Eu até tinha um objetivo em minha vida, que era quando eu fizesse 19 anos eu sairia daquela casa. Eu não sabia minha data de nascimento, o ano em que eu tinha nascido, o dia em que eu fazia aniversário. O meu único documento era minha certidão de nascimento que por minha valência eles não destruíram (família Italiana). Eu sofri muito, a coisa que eu mais queria era estudar, mas eles, os italianos diziam, ela tinha um ditado que dizia assim: *“que preto era feito para limpar roda-pé e apanhar de chibata e que preto*

³ Até a data da entrevista Mãe Dora estava cursando a 7ª Série do Ensino Médio; (Notas de diário de Campo em 06 de julho de 2007).

tinha nascido para ser escravo”. Eu sofri muito, mas eu vou lhe dizer uma coisa, eu não me arrependo de ter passado por isso, eu agradeço a Deus todos os dias, porque eu apanhei sim, sofri sim, mas eu aprendia a ser gente sim!

Entrevistador: E a senhora foi para onde depois de sair dessa casa?

Entrevistada: Com 19 anos eu fugi da casa dos italianos, aí eu fui trabalhar na casa de uma senhora. Eu fui para casa dessa senhora chamada Valdeci, e que me deu um caminho de vida, me mostrou um outro lado de minha vida que eu não conhecia. Nessa época eu passei a ganhar o meu dinheirinho, eu ganhava Cr\$ 9 por mês; gente, eu comecei a comprar as minhas coisas, nessa época a Avon estava no auge, eu comprava as coisas da Avon, eu comprei um enxoval para mim e paguei com o meu dinheiro. Isso tudo no início dos anos 70, mas era bom, pois eu já não dormia no chão, já não comia resto dos outros, eu já participava de festinhas, pois a senhora que eu morava quando saía me levava junto com ela.

Entrevistador: E como a Senhora conheceu a Umbanda?

Entrevistada: Foi com a Dona Valdeci, mas eu ia apenas para fazer companhia a ela, eu jamais imaginava que um dia eu fazer parte dessa religião, ia mais para acompanhar.

Entrevistador: E como a Senhora sentia algo nessas seções?

Entrevistada: Minha vó materna em Salvador era do Candomblé, e foi herança dela que recebi, lá nas seções eu sentia umas tonturas, mas achava que era lezeira minha, eu ficava tonta, às vezes desmaiava, mas logo isso passava. Até que aos 19 anos eu recebi pela primeira vez uma entidade em minha coroa.

Entrevistador: A senhora lembra qual foi o caboclo?

Entrevistada: Foi Seu Rompe Matas e ele falou cuidar de seus caboclos e zelar pelos seus guias espirituais.

Entrevistador: Mas a Senhora resistia, ou demorou a aceitar?

Entrevistada: Meu filho, pergunte ao Alberto, tinha dias em que eu saía para comprar pão e não voltava, a Dona Valdeci ficava desesperada., tinha vezes que eu voltava toda vestida de macumbeira, e sem contar às vezes em que eu saía para comprar alguma coisa e quando davam fé iam me encontrar baiando com o Caboclo incorporado lá pelos terreiros de macumba de São Paulo. Depois que me contavam como tinham me achado eu ficava com tanta vergonha, mas não tinha jeito, era só chegar à data de alguma festa, que lá eu desaparecia, causando preocupação pra todos.

Entrevistador: E como a Senhora chegou a Manaus?

Entrevistada: Quando eu conheci o meu marido, eu tinha 19 anos, não, eu conheci o Alberto com 20 anos, eu sai da casa deles com 19 (família italiana), porque eu faço aniversário no final de ano, eu faço aniversário dia 29 do 12. Aí eu conheci ele nessa época e eu já estava com 20 anos, eu conheci ele em agosto e quando passou três meses nós nos casamos. Meu marido é amazonense nascido na Praça 14 de Janeiro, dos negros da 14, lá do Quilombo de São Benedito. E ele foi para São Paulo ele ainda era bem jovem, e lá eu conheci ele e casei. Quando eu tô casada com dois meses, chega uma carta de um irmão dele dizendo que ia para São Paulo, e foi, e ficou lá com a gente um mês, eu já estava casada, antes de ele voltar ele disse: “mano, no ano que vem eu mando te buscar”. O Jorginho tinha cinco meses quando eu vim para cá (filho) e hoje ele está com 34 anos. Eu sou baiana de salvador, mas eu casei em São Paulo e com três meses nos casamos, no civil e no católico, nós somos casados já vai fazer 30 anos. Nós viemos porque a família dele é daqui. Eu não tinha família em São Paulo, eu vivia pela casa dos outros trabalhando. Nessa época o distrito estava no auge. Eu cheguei a morar na Praça 14, mas quando eu vim pra cá eu fui morar na Matinha, eu morei na Matinha, depois eu passei para o Seringal-Mirim lá no São Geraldo e de lá que fui para Praça 14 e passou uns tempos e eu vim para o rumo daqui. Aí eu vim ter as minhas coisas, vim ser dona de casa. Ele não me deixa ir só fazer nada para o Santo. Quando se trata de Orixá ele não me deixa ir sozinha não. Ao fato de muito homem que manda escolher: “ou a macumba ou eu”, ele não, agente caminha os dois juntos. Ele não é nada para santo, mas Deus me livre, respeita muito e tem zelo por minha opção religiosa. E “esse marido é tudo em minha vida, é meu marido, meu pai, meu amante e meu amor.”

Entrevistador: E como foi seu contato com a religião afro aqui em Manaus?

Entrevistada: Aqui em Manaus, eu comecei a frequentar a umbanda na casa do Seu Zé Luis. E eu fiquei na casa do Seu Zé Luis por bastante tempo, mas eu me desgostei de lá devido à falta de organização, esse terreiro ficava na Praça 14 e já fechou; mas eu me desgostei devido umas coisas que eu vi lá e aí sai.”

Entrevistador: A Senhora frequentava apenas a umbanda, ou chegou a ir em outras águas?

Entrevistada: Foi através da Dona Nenê, que frequentava o Seu Raimundo Branco aqui no São Jorge, aí eu fui para casa de seu Raimundo Branco. E como eu só conhecia a Umbanda eu fui ver o que era a Mina, aí eu me interessei e fiquei indo na casa do seu Raimundo Branco.

Entrevistador: E como a senhora conheceu a nação Angola?

Entrevistada: Foi pelo meu Pai Wilson Falcão Real, eu tinha curiosidade em jogar búzios, e ele jogava e todo mundo dizia que ele era muito bom, até que um dia eu peguei e pedi para ele jogar os búzios para mim pela primeira vez, ele foi e jogou, da feita que ele jogou, já não me deixou mais sair de dentro da casa, aí ele já me recolheu, ele já me recolheu. Ele com o meu marido que saiu e eu já não saí mais da casa. Ele já mandou me dar um banho de folha de abó que eu nem conhecia, ele mandou me dar aquele banho de abo e já me recolheu e disse que eu estava com uma necessidade de fazer santo muito grande. Aí meu pai me recolheu e ele mesmo foi comprar as minhas coisas todas e me deu, hoje ainda tenho coisas da minha feitura, tenho roupas guardadas da minha feitura

Entrevistador: A senhora lembra da cerimônia?

Entrevistada: Veio a Macota Izaura que é de Ogum de Ronda, que é Equedi do Oxóssi de meu pai há muito tempo, só que ela não mora mais aqui, a Izaura mora em Porto Velho há muito tempo e ela veio de Brasília e mandamos buscar Lamboazaze que é o ogam, o alabê do Oxóssi do meu pai. Então nós tivemos, nós quatro tivemos como mãe criadeira a Macota Izaura de Sambalajô que é a dijina dela e mandamos buscar também o Lamboazaze que é o Geraldo de Xangô, e a dijina dele é Lamboazaze, ele foi quem nos criou, ele foi quem nos deu todos os ensinamentos, o chamado rum. Ele quem nos deu os ensinamentos de tudo que meu pai ensinou, nós tivemos apenas três pessoas e não teve aquele enxame de gente. As coisas da gente foi toda feita pelas mãos de meu pai. (1978) 30 anos de santo. E eles vieram de Brasília para cá, pois meu pai tinha roça em Brasília, e veio o

Lamboazaze. (...) ninguém conhecia meu pai aqui (Wilson), ninguém conhecia ele aqui, e no candomblé estava assim, Manaus inteira (saída do primeiro barco), para encurtar a conversa, no dia da nossa saída foi tanta gente, tanta gente na Casa de Raimundo Branco. A Casa de Raimundo Branco tinha um barracão aqui assim, aí tinha três degraus de escadas, porque quando subia e descia, o assoalho era de madeira, menino, o assoalho da Casa do Raimundo Branco caiu, de tanta gente, pode perguntar a Dimas. A Dimas é minha irmã de santo desde essa época.

Entrevistador: E como a Mãe Dora se tornou herdeira de Wilson Falcão Real?

Entrevistada: Eu não tinha condições de tocar a Roça de meu pai, tanto que tive que vender o terreno.

Entrevistador: A senhora pode falar um pouco desse processo?

Entrevistada: Eu morava em uma casa belíssima no Belvedere, uma casa muito linda, toda no carpete. Aí eu não fiquei na roça, eu não quis e não tinha quem me fizesse ficar lá. Foi quando Oxossi disse: “assim como você deixou as minhas coisas se destruir, as suas coisas também vão se destruir.” Foi quando eu comecei a perder as minhas coisas, doenças seguidas, eu criei um mioma enorme. E foi me acabando, primeiro eu perdi a minha casa, depois eu perdi meu carro, o Jorginho adoeceu e quase morre, ele teve uma febre reumática que quase morre, e eu acabei com tudo que eu tinha. E foi se acabando, virando uma bola de neve. Quando foi um dia, eu já morava aqui no Lírio do Valle I, em uma casa velha e horrorosa que dava de frente para o mato, eu fiquei em uma situação em que eu via anoitecer e não queria que amanhecesse, porque eu sabia que eu não tinha o que dar para comer aos meus filhos, quando tinha gás não tinha comida e quando tinha comida não tinha gás. Ele ao meu lado (seu Alberto) e a Maria, a Maria está comigo há quase 30 anos. Aí um dia eu me levantei um domingo de manhã eu ainda lembro, não tinha nada, e nesse tempo eu criava uma sobrinha pequena que eu tinha trazido de Salvador, o Ricardo era bem pequeno, o Jorginho estudava em um colégio onde agora é a prefeitura ali na Compensa, ele ia e vinha a pé todo dia, da Compensa para o Lírio do Valle. E as coisas se acabando, o Artur veio e tirou minha barraca do centro e eu fiquei sem trabalhar, e encurtando a história, quando foi um dia de domingo eu me levantei e não tinha nada, o Ricardo chorando porque queria mamar, minha sobrinha chorando porque queria tomar café, a Maria tinha ido comprar fiado no homem que disse que não ia mais me vender porque minha conta já estava grande e eu não tinha como pagar, aí eu disse: “meu Deus o quê que eu faço”. Abri a porta do quintal e fui me embora, andei

e quando eu cheguei em lugar assim, eu sentei na beira de um igarapé e comecei a chorar, e disse: “meu pai, se o senhor me tirar dessa peia, que eu tenho certeza que é Oxossi quem está me dando, se o senhor me tirar dessa, o primeiro dinheiro que eu pegar eu faço a sua roça.” Parece que aquela água cresceu na minha vista, eu não sei o que aconteceu, não sei se adormeci, só sei que quando eu voltei estava todo mundo doido me procurando, o Alberto, a Maria e os meninos. E eu vim embora para casa, me trouxeram para casa. E sei que vendi a minha casa por Cr\$ 1000,00. Eu devia água e luz da casa, e quando faltava uma prestação para pagar, o homem disse: “saí da casa, eu quero a casa. Eu já paguei quase tudo que eu devia e não vou mais lhe pagar esse dinheiro, vai ficar na conta do que você deve de água e de luz. Eu quero que você saia até amanhã de manhã, e se você não sair eu vou colocar suas coisas toda na rua.” E eu com criança pequena, e lá chega, não sei nem por quem, chega uma irmã-de-santo minha de Oxossi, e ela me viu naquele desespero e me perguntou o que estava acontecendo e eu contei para ela, ela me perguntou se eu ia para onde.

Entrevistador: Mutalambô lhe auxiliou?

Entrevistada: Essa casa estava fechada a muito tempo, essa casa aqui ao lado, onde eu moro, estava a muito tempo fechada essa casa, eu passava aqui e via essa casa e achava ela tão bonita. E minha irmã falou assim para mim: “vamos lá na casa”. Eu falei assim para ela: “tem uma casa fechada, mas eu não tenho dinheiro para pagar o aluguel”. E ela disse: “se está fechada vamos lá”. Aqui onde é o barracão morava um casal com duas filhas. E quando aqui e falei com a moça ela disse que a casa estava fechada, mas ela não ia alugar não, aí contei para ela a situação e ela me mandou voltar à noite. Quando foi a noite eu voltei. Quando eu voltei ela disse que ia alugar a Cr\$ 100,00, e tem que pagar adiantado, aí eu voltei para casa e quando foi umas 5 horas da tarde essa minha irmã que é do Oxossi, chegou comigo e perguntou: “e aí mana, como é que está”. Eu disse: “olha, a casa está fechada e o aluguel é Cr\$ 100,00 e ela só aluga com o dinheiro adiantado”. E ela disse: “não tem problema”. Ela meteu a mão no bolso e retirou Cr\$ 400,00. A Sônia do Oxossi o nome da minha irmã. Ela agora é filha de Lídio. Ela veio e me deu esse dinheiro e eu vim e paguei 3 meses de aluguel adiantado e fiquei com Cr\$ 100,00 para fazer a mudança e comprar alguma coisa para os meninos comerem, e assim eu vim para essa casa. E quando eu passei 8 meses nessa casa, a moça daqui me chamou e disse: “Dona Dora, nós vamos vender a casa, e como a senhora mora aí alugado e a senhora não quer comprar”. Aqui onde é o barracão. Deixa estar que eu não tinha um tostão para comprar, aí estava acontecendo o FECANI, eu falei para ela que eu não tinha o dinheiro para comprar a casa dela, mas eu ia dar o meu

jeito, e eu tinha vindo de uma viagem que eu tinha feito com uns gringos, e esses gringos tinham barco, eu não tinha dinheiro para comprar nada, aí eu peguei e emprestei Cr\$ 500,00, e fui eu, o Alberto e mais um filho-de-santo meu o Gilmar da Yemanjá, ele é meu afilhado, ele é meu filho pequeno, foi eu quem deu tudo para Yemanjá dele na feitura dele. E ele foi comigo para Itacoatiara e nós fomos no barco desses gringos. O Alberto carregava essas caixas de gelo até o tucupi de comida na cabeça, chega ele ia baixinho, naquele tempo ele era mais novo. E quando eu vim de lá, eu trouxe o dinheiro para comprar as duas casas. E então nós compramos a casa de lá e essa daqui que era da Edilene e que era só um casebre”.

Entrevistador: A senhora teve ajuda de alguém para reabrir o Abassá?

Entrevistada: apareceu outra criatura na minha vida para me fazer feliz e que veio de São Paulo, o Geraldo, e eu ajudei ele muito. Foi quando ele me disse que não tinha dinheiro para me pagar e eu falei que não queria pagamento, apenas o teu reconhecimento e agradecimento e que você esteja bem. E quando foi um dia bateram aí na porta: “aqui que mora a dona Dora.” Eu disse que era, perguntaram se ela estava e eu disse que era eu. Foi quando ele falou que iria entregar um material. E eu perguntei: “que material, eu não tenho dinheiro nem para comer imagina para comprar material”. E ele falou que foi o Geraldo que mandou entregar. Vinham 6 caçambas uma atrás da outra com tijolos, pedra, cimento, seixo, ferro areia, tudo. E ele mandou levantar na época, e ele pagou por isso aqui tudo R\$ 5,500,00. E eu me lembro como se fosse hoje, ele pagou e mandou fazer, e eu não nego, eu digo que esse barracão não tem um prego meu tudo quem mandou fazer aqui foi o seu Geraldo. E ainda mandou buscar a mãe-de-santo dele de São Paulo para dar a minha obrigação de 7 anos que já estava com 14 e estava atrasada. Eu agradei muito a Oxossi, isso aqui é a casa de Oxossi. E daqui só Deus me tira daqui. A minha dívida com Oxossi foi paga, porque o que eu prometi está aqui, a casa dele, não é como era antes, porque lá a casa dele era no mato, mas foi o que ele me deu condições para dar a ele.

Entrevistador: Esse Abassá pertence a qual Nkissi?

Entrevistada: Essa casa não é de Danda Lunda essa casa é de Mutalambô. E tudo isso aconteceu depois que eu entrei no mato e pedi, quer dizer, ele amenizou porque eu disse: “meu pai, eu joguei fora pelas minhas próprias mãos o que era seu, mas me dê condições para eu poder lhe dar o tanto o quanto o senhor tinha, ou melhor, porque eu não aguento mais ver os meus filhos passarem

fome.” Tinha o Alexandre que é especial, tinha o Ricardo novo ainda, o Jorginho foi obrigado a sair do colégio porque não aguentava mais andar a pé, não tinha sapato, não tinha roupa e não tinha dinheiro. E só comia porque no colégio davam comida para ele. Então eu fui e pedi pelos meus filhos e ele me deu esse apoio. E essa casa é dele e sempre será, a onde eu estiver e eu tiver uma roça erguida ela vai ser de Oxossi, porque eu sou grata a Oxossi por tudo que tenho, não dizendo que minha mãe Oxum não me ajudou, mas eu tiro meu chapéu para Oxossi em qualquer canto. Amo Oxossi.

Entrevistador: Gratidão por poder compartilhar um pouco sua história, a benção?

Entrevistada: Que Zambe lhe abençoe meu filho, eu que fico feliz em poder compartilhar minha história.

Data de submissão: 03/02/2025

Data de aprovação: 21/02/2025